

A Indução

Bertrand Russell

Na maioria das nossas análises anteriores tentamos clarificar os nossos dados sobre o conhecimento do que existe. Que coisas há no universo cuja existência conhecemos devido a termos contato com elas? Até aqui, a nossa resposta foi que temos contato com os nossos dados dos sentidos e, provavelmente, conosco mesmos. Isto sabemos que existe. E sabemos que existiram no passado os dados dos sentidos passados que recordamos. Este conhecimento fornece-nos os nossos dados.

Mas para que sejamos capazes de fazer inferências a partir destes dados — para que saibamos da existência da matéria, das outras pessoas, do passado anterior à nossa memória pessoal, ou do futuro, temos que conhecer princípios gerais por intermédio dos quais possamos fazer essas inferências. Temos que saber que a existência de coisas de tipo A é um sinal da existência de coisas de tipo B, seja ao mesmo tempo em que A, seja antes ou depois, como, por exemplo, o trovão é um sinal da existência anterior do relâmpago. Se não o soubéssemos, o nosso conhecimento nunca poderia ter ido além da esfera da nossa experiência privada, que, como vimos, é muito limitada. O que temos agora de examinar é se isto é possível, e se sim, como fazê-lo.

Tomemos como exemplo um assunto a propósito do qual nenhum de nós tem, na verdade, a menor dúvida. Todos estamos convencidos de que o Sol nascerá amanhã. Por quê? Esta crença é uma mera consequência da experiência passada ou pode ser justificada racionalmente? Não é fácil encontrar um critério que permita decidir se este gênero de crença é ou não racional, mas pelo menos podemos estabelecer que tipos de crenças gerais, na condição de serem verdadeiras, seriam suficientes para justificar o juízo segundo o qual o Sol nascerá amanhã e os outros juízos idênticos em que as nossas ações se baseiam.

É evidente que se nos perguntassem por que acreditamos que o Sol nascerá amanhã, naturalmente responderíamos “Porque sempre nasceu até agora”. Acreditamos firmemente que nascerá no futuro, porque nasceu no passado. Se nos desafiassem a dizer por que acreditamos que vai continuar a nascer como até agora, poderíamos apelar às leis do movimento: diríamos que a Terra é um corpo em rotação livre, que a rotação destes corpos não cessa a menos que algo exterior interfira com eles e que nada há de exterior que interfira com a Terra entre hoje e amanhã. Claro que se pode duvidar que tenhamos a certeza absoluta de que não existe algo exterior que interfira com a Terra, mas esta dúvida não é interessante. A dúvida interessante é se as leis do movimento continuarão a aplicar-se até amanhã. Se levantarmos esta dúvida, ver-nos-emos na mesma posição que quando surgiu pela primeira vez a dúvida a propósito do nascimento do Sol.

A *única* razão para acreditarmos que as leis do movimento se manterão no futuro, tanto quanto o nosso conhecimento do passado nos permite julgar, é o fato de se terem mantido até agora. Não há dúvida de que o passado fornece-nos mais provas a favor das leis do movimento do que a favor do nascimento do Sol, uma vez que o nascimento do Sol é apenas um caso particular de aplicação das leis do movimento e há muitos outros casos particulares. Mas a questão essencial é se os casos em que uma lei se aplicou no passado provam que se aplicará no futuro? Se não, é evidente que não temos nenhum motivo para esperar que o Sol nasça amanhã, ou

que o pão que comamos na nossa próxima refeição não nos envenene, ou que qualquer das outras expectativas quase inconscientes que governam as nossas vidas diárias se realize. É preciso notar que todas estas expectativas são apenas *prováveis*, pelo que não temos que procurar uma prova de que *tenham* de verificar-se, mas apenas uma razão para pensarmos que é verossímil que se verifiquem.

Ao abordarmos esta questão, temos que começar por fazer uma distinção importante, sem a qual rapidamente nos veremos metidos em confusões infundáveis. A experiência mostrou-nos que a repetição frequente de uma sucessão uniforme ou de uma coexistência foi até agora a *causa* de esperarmos a mesma sucessão ou coexistência na ocasião seguinte. Um alimento que tenha determinado aspecto tem em geral determinado gosto e as nossas expectativas sofrem um grande choque quando descobrimos que o aspecto familiar está associado com um gosto estranho. Por hábito, associamos as coisas que vemos com determinadas sensações táteis que esperamos sentir se lhes tocarmos; um dos horrores dos fantasmas (em muitas histórias de fantasmas) deriva de não nos darem sensações táteis. As pessoas incultas que vão ao estrangeiro pela primeira vez ficam surpreendidas ao ponto de não quererem acreditar quando descobrem que a sua língua materna não é percebida.

Esta espécie de associação não se limita aos homens; é também muito forte nos animais. Um cavalo que tenha sido levado muitas vezes por uma estrada resiste à tentativa de ser levado noutra direção. Os animais domésticos esperam ser alimentados quando veem a pessoa que habitualmente lhes dá de comer. Sabemos que todas estas expectativas grosseiras de uniformidade podem ser enganadoras. O homem que alimentou o frango durante toda a sua vida acaba por torcer-lhe pescoço, mostrando que uma visão mais refinada da uniformidade da natureza teria sido útil ao frango.

Mas apesar de enganadoras, estas expectativas existem. O simples fato de algo ter acontecido um certo número de vezes faz com que animais e homens esperem que aconteça outra vez. Assim, certamente que os nossos instintos fazem com que acreditemos que o Sol nascerá amanhã, mas podemos não estar em melhor posição que o frango a quem inesperadamente torcem o pescoço. Por conseguinte, temos que distinguir o fato de uniformidades passadas *causarem* expectativas quanto ao futuro, da questão de saber se existe um fundamento racional para dar valor a essas expectativas após a questão da sua validade ter sido levantada.

O problema que temos que discutir é se existe alguma razão para acreditar na chamada “uniformidade da natureza”. A crença na uniformidade da natureza é a crença em que tudo o que aconteceu ou acontecerá é um exemplo duma lei geral para a qual *não* há exceções. Todas as expectativas grosseiras que temos vindo a examinar estão sujeitas a exceções e podem, portanto, desapontar os que as sustentam. Mas a ciência assume habitualmente, pelo menos como hipótese de trabalho, que as regras gerais que têm exceções podem ser substituídas por regras gerais que não têm exceções. “Corpos no ar sem apoio caem” é uma regra geral para a qual os balões e os aviões são exceções. Mas as leis do movimento e a lei da gravitação, que justificam o fato da maior parte dos corpos caírem, também dão conta do fato de os balões e os aeroplanos poderem subir, pelo que as leis do movimento e a lei da gravitação não estão sujeitas a estas exceções.

A crença em que o Sol nascerá amanhã poderia ser falsificada se a terra entrasse subitamente em contato com um grande corpo que fizesse a sua rotação cessar; mas as leis do movimento e a lei da gravitação não seriam infringidas por esse acontecimento. A tarefa da ciência é encontrar uniformidades, como as leis do movimento e a lei da gravitação, para as quais, tanto quanto a nossa experiência permite ver, não há exceções. A ciência foi

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

